

# Governo quer transformar prisões em prestadoras de serviços

Director-geral dos Serviços Prisionais admite atribuir microcrédito a ex-reclusos ou reclusos na fase final do cumprimento da pena

O director-geral dos Serviços Prisionais, Rui Sá Gomes, anunciou ontem, em entrevista ao *Correio da Manhã*, a intenção de criar uma zona económica prisional, transformando as prisões em prestadoras de serviços.

“A zona económica prisional vai dar resposta a muitas questões enquanto prestadora de serviços para angariar dinheiro para as próprias prisões. Porque esse dinheiro depois reflecte-se na melhoria das condições da prisão”, afirmou Rui Sá Gomes. O objectivo é, explicou o responsável, “criar trabalho, dar formação, permitir empregabilidade”.

“Vamos tentar que as prisões possam elas próprias funcionar como prestadoras de serviços a terceiros. Por exemplo: porque é que uma

prisão, situada numa zona hoteleira e com lavandarias próprias, não presta serviços de lavandaria a hotéis? Porque é que um estabelecimento prisional não pode ser encarado como uma empresa, rentável para bem do recluso e do próprio sistema?”, questionou.

Outra solução é aumentar a relação com as empresas, “para que o recluso possa integrar os quadros, se for um bom funcionário”. Rui Sá Gomes defendeu ainda a utilização de espaços prisionais, como oficinas desactivadas, por empresas, “que vão dar formação aos reclusos e que depois os empregam”. “Isto tudo gera receitas”, afirmou.

A aposta na qualificação poderá passar também pela atribuição de microcrédito a ex-reclusos ou reclusos na fase final de cumprimento da pena, destinado a criação de empresas, defendeu. O director-geral afirmou ainda que “o Estado não tem de assumir necessariamente todos os serviços a meio prisional”, defendendo o recurso a parcerias público-privadas.



Rui Sá Gomes

Seringas nas cadeias não são um “baixar de braços”. Na entrevista, o responsável reiterou a intenção do Governo de construir novas prisões, onde será possível separar reclusos primários e reincidentes e também de presos preventivos e condenados, conforme esta prevista na lei. Rui Sá Gomes admitiu que alguns estabelecimentos prisionais têm excesso de ocupação, mas considerou que “não

é verdade dizer que todo o parque penitenciário está com reclusos a mais”.

Admitindo que “haverá sempre droga nas prisões”, o responsável afirmou que a introdução da troca de seringas não é “um baixar de braços”, sublinhando o empenho na “eliminação da droga e fiscalização a sua entrada” na prisão.

Também no âmbito de uma “política de redução de danos”, defendeu que a existência de máquinas de preservativos nas prisões pode contribuir para uma “melhoria da saúde pública”, já que, admitiu, “é indesejável que há práticas sexuais, consentidas ou não, no meio prisional”.

O director-geral reiterou a intenção do Governo de vender algumas prisões com o objectivo de conseguir verbas para a renovação do parque penitenciário. O Estabelecimento Prisional de Lisboa poderá ser um dos espaços a vender, admitiu Rui Sá Gomes, que considerou que esta prisão “valerá, com toda a certeza, muito dinheiro”. ■ Luisa

# Ementas mais saudáveis obrigatórias nas escolas inglesas

Objectivo do Governo é combater a obesidade e incentivar melhor estilo de vida

ISABEL LEIRIA

Duas peças de fruta e vegetais todos os dias, peixe pelo menos uma vez em cada três semanas, fritos não mais de duas vezes semanalmente. Salteiros fora das mesas e *ketchup* e maionese disponíveis apenas em saquetas para que os alunos não abusem na dose. Água fresca, acessível a todos e de graça. Desde segunda-feira passada que estas e outras orientações, destinadas a acabar com o retrado dos hambúrgueres, batatas fritas e refrigerantes e combater a obesidade entre os mais novos vigoram nas escolas inglesas.

“Combater a obesidade e incentivar um estilo de vida saudável não passa apenas pelos alimentos que as crianças comem nas escolas. Temos também de dar-lhes as comen-

rio. A frequência das 24 aulas previstas será voluntária e dará direito à atribuição de um certificado.

Ao todo, são mais de 240 milhões de libras (cerca de 350 milhões de euros) que o executivo de Tony Blair está disposto a gastar, até 2011, para ajudar as escolas a assegurar refeições saudáveis, escreveu a *BBC Online*.

O número de crianças obesas ou com peso excessivo entre os dois e os 15 anos aumentou 30 por cento na Grã-Bretanha nos últimos anos. E o tema acabou por entrar na ordem do dia com a campanha lançada na televisão pelo jovem chefe de cozinha Jamie Oliver, que denunciou a má qualidade das ementas servidas nas escolas.

O Governo criou, entretanto, uma comissão destinada a rever as orientações sobre refeições escolares e que aprovou as línhas que entrarão em vigor no início da passada semana. “Há já muito tempo que devíamos ter eliminado os pratos feitos à base de carne